



Pluralidade de objeto *versus* pluralismo de concepções em teorias psicológicas

The plurality of object *versus* pluralism of conceptions on psychological theories

William Barbosa Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Resumo

Unidade (pluralidade) *versus* desunidade (pluralismo) tem sido debate conceitual frequente em torno da existência de uma ou de várias psicologias. Na literatura, os debates se intensificaram com a série *Psychology: A Study of a Science*, editados por Sigmund Koch, entre 1959 e 1963. No final dos seis volumes publicados, Koch concluiu que a psicologia não é uma ciência coerente, e sim uma coleção de estudos, variando entre maior ou menor rigor científico. Desde então, o tema tem sido frequente nos poucos periódicos abertos à psicologia teórica, trazendo proposições de teorias unificadoras, defesa de unificação por áreas, ou alegações de que a grandeza da disciplina está na diversidade. O presente artigo argumenta que a premente necessidade não é de teorias que sugiram modos de unidade, mas de critérios que apontem para possibilidades de se mover com proveito entre teorias, atento às surpreendentes relações implícitas entre elas.

Palavras-chave: unidade teórica; integração teórica; diversidade teórica.

Abstract

Unity (plurality) *versus* disunity (pluralism) has been a frequent conceptual debate about the existence of one or more psychologies. In literature, the debates have intensified with the series *Psychology: A Study of a Science*, edited by Sigmund Koch, between 1959 and 1963. At the end of the six published volumes, Koch concluded that psychology is not a coherent science but a collection of studies, ranging from greater or lesser scientific rigor. Since then, the theme has been frequent in the few journals open to theoretical psychology, bringing propositions of unifying theories, defense of unification by areas, or claims that the greatness of the discipline lies in diversity. This article argues that the pressing need is not for theories that suggest modes of unity, but for criteria that point to possibilities of moving successfully between theories, taking into account the surprising implicit relationships among them.

Keywords: theoretical unity; theoretical integration; theoretical diversity.

O que é psicologia? Trata-se de uma ou de várias psicologias? Psicologia é uma ciência ou uma grande coletânea de diversos e diferentes estudos? Por que a psicologia, como profissão, reúne intervenções diferentes e, às vezes, contraditórias para casos semelhantes? Tais intervenções seriam decorrências de uma grande variedade de recursos que oferecem múltiplas opções? Seria



possível compreender e justificar tais variedades em uma metateoria solidamente justificada? (ver Koch, 1993).

A psicologia ocupa espaço de grande importância na hierarquia ontológica do conhecimento, servindo de conexão entre as ciências naturais e humanas. Em estudo recente, Boyack, Klavans e Börner (2005) identificaram seis grandes áreas científicas consideradas concentradoras (*Hub*), por aglutinarem e difundirem informação para muitos e diversos receptores. As seis grandes áreas aglutinadoras foram: ciências sociais, psicologia, medicina, ciências da terra, química, física e matemática. O estudo, conduzido por biblioteconomistas, examinou os padrões de influência científica nas diferentes áreas, com base em dados de citação de mais de um milhão de artigos, publicados por 7.121 periódicos de ciências naturais e humanas, reunidos no último ano do século XX. Tais dados reafirmaram a grande importância da psicologia no campo geral do conhecimento, e nos impele à busca de uma compreensão abrangente ao fato psicológico, capaz de transcender correntes teóricas e preferências ideológicas.

Estudantes de graduação, quando introduzidos à psicologia, encontram muita dificuldade para entender o que é este grande e fascinante campo de conhecimento e prática. Impressionam-se com a segmentação e com os acirrados debates existentes, onde uma parte desacredita a outra de modo radical e irremediável. Diante desta realidade, alguns estudantes se voltam a segmentos mais afins aos seus sentimentos, experiências e interesses; outros se deixam seduzir pelos argumentos dos professores tornando-se adeptos radicais de determinada corrente teórica, e outros, talvez mais críticos, questionam a desarticulação teórica geral e querem saber se a psicologia já definiu, enfim, qual é o seu objeto.

Exemplos notórios e documentados das incertezas quanto à especificidade desta grande área são alguns títulos dos *Encontros de Filosofia, História e Epistemologia da Psicologia*, organizados pelos estudantes do Ceará. Os temas destes encontros são emblemáticos, sendo no Primeiro Encontro "Angústia epistemológica da Psicologia: Um Diálogo (Im)possível?" (Universidade de Fortaleza, 18 a 20 de abril de 2012). O tema do Quarto Encontro foi ainda mais incisivo: "A (In)Definição do Objeto Psicológico: O Paradoxo da Psicologia" (Universidade de Fortaleza, 4 a 7 de maio de 2016). Certamente, esse desconforto não é um caso particular de um curso ou região, mas reflexo do pouco conhecimento disponível sobre o grande campo psicológico e suas bases históricas, culturais, sociais e científicas.

O objetivo do presente memorando é rever os argumentos favoráveis e críticos às discussões sobre a unidade da psicologia, aqui diferenciados entre



pluralidade de objeto e pluralismo de concepções, como sugerido por Ballantyne (1993). De certo modo a tendência pró-idade ou pró-diversidade varia entre seguidores de abordagens que partem de premissas ontológicas (o que é), e aquelas que partem de premissas epistemológicas (como é). O texto está organizado em quatro partes. Em primeiro lugar, indica como o conceito de pluralidade associa-se a premissa ontológica que quer dizer defesa da unidade e supremacia do objeto. Em segundo, mostra como o conceito de pluralismo associa-se a premissa epistemológica que quer dizer a supremacia da abordagem. Em terceiro, traz exemplos de como a vacilação entre abordagens afeta a prática profissional. Por fim, sugere algumas possibilidades de superação desta dicotomia entre pluralidade e pluralismo ou unidade e desunidade. Essas considerações se justificam pela necessidade: 1) de oferecer uma introdução abrangente e equilibrada do campo psicológico a estudantes de graduação, 2) de subsidiar formulações de diretrizes curriculares respaldadas em classificações ontológicas e epistemológicas amplamente reconhecidas, e 3) de eliminar o vazio desconfortável de estudantes da pós-graduação diante da distância conceitual entre seus trabalhos de conclusão e o abrangente e desconhecido campo da psicologia (Stanovich, 2013).

Proposições para a unidade da psicologia (Pluralidade)

Em 1952, a convite da *American Psychological Association* (APA), o psicólogo e filósofo Sigmund Koch (1917-1996) deu início a uma série de seis volumes intitulada *Psychology: A Study of a Science*, publicada entre 1959 e 1963. A série foi dividida em duas partes. Os três primeiros volumes reuniram estudos conceituais e sistemáticos, e os três volumes seguintes trataram da subestrutura empírica e das relações com outras ciências. O primeiro volume tratou das formulações sensórias, perceptuais e fisiológicas; o segundo, das formulações sistemáticas gerais como aprendizagem e processos especiais; o terceiro, das formulações de pessoa e do contexto social; o quarto, do lugar da psicologia entre as ciências biológicas; o quinto, das áreas processuais, da pessoa e dos campos aplicados; o sexto, do lugar da psicologia entre as ciências sociais. Os mais destacados psicólogos norte-americanos dos meados do século XX participaram da série. Entre os autores, eu destaco alguns dos mais conhecidos: No Vol. 1 escreveram Donald Olding Hebb (1904-1985) – precursor da neuropsicologia, James Gibson (1904-1979) – percepção, *affordance*, e Edward Chace Tolman (1886-1959) – behaviorismo intencional; no Vol. 2, Dorwin Cartwright (1915-2008) – dinâmica de grupo, Harry F. Harlow (1905-



1981) – psicologia experimental, e B. F. Skinner (1904-1990) – behaviorismo; no Vol. 3, Theodore M. Newcomb (1903-1984) – relações interpessoais, Henry A. Murray (1893-1988) – personalidade, e Carl R. Rogers (1902-1987) – humanismo; no Vol. 4, Karl H. Pribram – neuropsicologia; no Vol. 5, Ernest R. Hilgard (1904-2001) – aprendizagem; e no Vol. 6, Donald T. Campbell (1916-1996), – metodologia científica. Após este trabalho monumental, Koch (1969) concluiu que a psicologia “não pode ser uma ciência coerente, porque seu objeto é muito amplo” (p. 65, tradução do autor deste artigo). Ele reafirmou essa mesma posição no livro que organizou em comemoração ao primeiro século da fundação do laboratório de Wilhelm Wundt (1832-1920), em 1879, no qual contou com a colaboração de David E. Leary, um pesquisador em história e filosofia da psicologia (Koch & Leary, 1992). Koch reafirmou que “a psicologia não era uma disciplina coerente, mas uma coleção dos mais variados estudos, sendo que só uma parte menor poderia ser considerada ciência” (1992, p. 92, tradução do autor deste artigo). Em uma revisão dos seis volumes de *Psychology as a Science* realizada 35 anos depois, o historiador da psicologia Michael Wertheimer (1998) afirmou que o conjunto da obra foi decepcionante, não pela qualidade dos textos, mas pelas suas contradições, e que a psicologia deveria se libertar da dependência de condutas científicas simplistas. Para o autor, a situação não mudou e, por conseguinte, as mesmas questões levantadas sobre metodologia, epistemologia e lógica de ciência continuavam relevantes. Na análise de Fowler e Bullock (2005), foram esses seis volumes organizados por Koch que desencadearam os debates sobre a unidade da psicologia.

A partir dos anos 1980, os debates foram grandemente incentivados por Arthur W. Staats (1981, 1983, 1991, 2005), um behaviorista com uma visão bastante ampla da psicologia. Sua proposta consistia em uma estrutura conceitual que incluía a unificação das ciências biológicas e humanas, constituindo o que denominou de positivismo unificado. A relevância de sua contribuição foi reconhecida pela *American Psychological Association* (APA) que em 1997 criou a *Arthur W. Staats Lectures* com o objetivo de abordar temas da maior importância para as várias áreas da psicologia e incrementar o poder unificador da disciplina como um todo. As conferências ocorrem nas reuniões anuais da APA.

A dualidade unidade/desunidade foi examinada na *National Conference on Graduate Education in Psychology* realizada na Universidade de Utah, em 1987. A questão era saber se a psicologia estava se consolidando como uma ciência unitária e integrada, ou se fragmentando em diferentes áreas. Em suas manifestações, Spence (1987) disse que em seus vislumbres mais pessimistas,



ele contemplava o campo da psicologia se desintegrando, com a psicologia experimental movendo-se para a nova ciência cognitiva; a psicobiologia juntando-se às neurociências; a psicologia organizacional transferindo-se para as escolas de administração; a psicopatologia para a medicina, e a psicologia da saúde criando seus próprios centros de formação. O que restaria então? Para ele, sobrariam a psicologia social e a psicologia do desenvolvimento. Em contraste, Altman (1987) mostrou que formação em psicologia predominante favorecia a uma certa unidade, embora reconhecendo tensões e oposições entre teorias. Na avaliação dele, tratava-se de processo natural que poderia levar a novos horizontes, a novas descobertas. Na mesma linha de argumentos, Matarazzo (1987) afirmava haver somente uma psicologia e muitas aplicações. Baseava-se na grande semelhança dos itens temáticos requeridos como domínio comum para acesso ao doutorado em psicologia nos programas norte-americanos. Ele não via mudanças estruturais no currículo, mas atualizações de conteúdo.

Neste mesmo 1987, Staats e Mos lançaram o Volume 5 dos *Annals of Theoretical Psychology*. O tema central deste volume foi unidade/desunidade. Na introdução dos *Annals*, Staats (1987) lembrou que vem trabalhando na proposição de uma teoria unificada para psicologia há muitos anos e se empenhando em persuadir colegas para apoiarem as iniciativas para unificação. Disse, ainda, tratar-se de publicação historicamente relevante por ser a primeira na qual psicólogos de diferentes tradições, países e interesses foram confrontados com a impressionante segmentação da psicologia. Os trabalhos foram divididos em quatro partes. A primeira sugeriu quais seriam as tarefas essenciais para a construção de teorias e como a psicologia deveria abrir-se para estudos sobre a unidade da disciplina. A segunda tratou da dicotomia entre psicologia como ciência natural e como ciência humana, e de como lidar com o dualismo entre consciência e comportamento. A terceira, ateu-se aos impedimentos para a unificação, como articulação entre áreas, revisões teóricas com vistas à unificação, e a aproximação teórica de intervenções afins, por exemplo, psicodinâmica e sistêmica, psicodinâmica e behaviorismo, psicanálise e dissonância cognitiva, cognição e comportamento. A sugestão dos autores seria a aproximação por partes, tendo em vista a unificação do todo, ou seja, da disciplina. A quarta e última parte voltou-se para as questões metateóricas, com atenção a conceitos e análises do desenvolvimento científico ao longo do tempo, em quatro estágios: 1) especulação filosófica, 2) exploração empírica, 3) métodos sofisticados para observação controlada e quantificação, e 4) formalização de uma teoria unificada. O autor argumentou que teorias se apresentam de dois modos: ou elas são sequenciais, modificando-se em



decorrência de achados inovadores e contundentes; ou elas fazem parte de um conjunto de teorias simultâneas que disputam os mesmos espaços. A proliferação de teorias simultâneas indicaria uma fase imatura de um campo científico.

As conclusões finais dos *Annals* ficaram a cargo do coeditor Leendert P. Mos e podem ser resumidas em suas próprias palavras:

A pluralidade de domínios da investigação psicológica e o confinamento de seus praticantes deve ser um embaraço para aqueles que aderirem, como fazem vários dos nossos colaboradores, ao ideal de uma unidade da ciência. Para aqueles que reconhecem a interferência dos vieses do pesquisador na interpretação dos fatos (*theory-ladenness*), a fragmentação não é tão embaraçosa, pois é um dilema, cujos efeitos são ceticismo ou o não compromisso. O não compromisso é evidente nas várias escolas de psicologia, enquanto o ceticismo é mais frequentemente encoberto como convencionalismo. A busca pela unificação em qualquer uma dessas perspectivas é improvável de obter consenso. O que está em jogo aqui são questões sobre a natureza da confirmação, verdade e racionalidade que talvez estejam mais relacionadas a visões de mundo do que a particularidades da prática científica (Mos, 1987, p. 345, tradução do autor deste artigo).

Os *Annals of Theoretical Psychology* (Staats e Mos, 1987) refletiram, sem dúvida, o pensamento dominante nos meados do século XX, quando havia grande disputa entre as forças behavioristas e humanistas no cenário da psicologia norte-americana. Mesmo assim, a crescente força cognitiva já se fazia presente com as tentativas de aproximar o behaviorismo das neurociências. Renomados pesquisadores internacionais colaboraram com o projeto, entre eles o francês Paul Fraise e o britânico Hans J. Eysenck. Os *Annals* demarcaram o encontro da geração de grandes nomes da psicologia dos meados do século XX, com uma nova geração que conduziria a discussão no início do século seguinte.

O debate desunidade/unidade atravessará os anos 1990. O primeiro destaque foi o contundente artigo de Adriaan D. de Groot (1914-2006), um professor da Universidade Neerlandesa de Groningen. Groot (1990) defendeu a análise conceitual como condição para a unificação, para ele um trabalho de imensa necessidade para a disciplina e que poderia ser encaminhado por meio de fóruns entre pares. Staats (1991) deu continuidade as suas provocações pró-unidade, em artigo muito debatido no *American Psychologist* (por Green, 1992; Kukla, 1992; Kunkel, 1992; McNally, 1992; Schneider, 1992). Destas reações, destaca-se o intrigante título da resposta de McNally a Staats, perguntando se



a desunidade em psicologia poderia ser considerada como um caos ou como uma especiação, uma transformação gradual.

Nesta década, dois artigos repercutiram fortemente no campo da psicologia: 1) *A frame of reference for psychology* (Kimble, 1994) e 2) *Facing Up to the Problem of Consciousness* (Chalmers, 1995). Para introduzir as posições de Kimble (1994), convém recuar dez anos e lembrar o sugestivo trabalho no qual ele aplicava uma escala (*Epistemic Differential Scales*) para identificar as duas culturas entre os psicólogos: a científica e a humanista (Kimble, 1984). Com essa escala, ele comparou três grupos: Grupo 1, estudantes do *undergraduate* da Duke University; Grupo 2, psicólogos que ocupavam cargos nas diretorias das divisões da APA; e Grupo 3, associados da APA. Os associados foram considerados de acordo com a divisão da APA que pertenciam, sendo elas: Experimental, Estudos sociais, Psicoterapia e Humanista. A escala reunia 10 itens que contrastavam, em seis dimensões, preferências ditas científicas e humanistas: 1) valores acadêmicos mais importantes (científico vs. humanista), 2) legalidade do comportamento (determinismo vs. indeterminismo), 3) base do conhecimento (observação vs. intuição), 4) condição para a descoberta (laboratório vs. estudo de campo ou de caso), 5) generalidade das leis (nomotético vs. ideográfico), e 6) nível apropriado de análise (elementarismo vs. holismo). Os resultados indicaram que para estudantes, e para psicólogos que integravam as diretorias das divisões da APA a separação entre as duas culturas era praticamente indistinta. Contudo, foram marcantes a diferença entre a divisão de psicologia experimental e as três outras divisões. Kimble (1984) trazia forte influência do seu viés behaviorista, entendendo que as posições humanistas seriam hipóteses a ser confirmadas posteriormente em experimentos bem controlados. No entanto, dez anos depois, Kimble (1994) reavaliou suas posições, sugerindo uma estrutura referencial mais ampla para a psicologia. Na estrutura proposta, a psicologia seria a ciência do comportamento capaz de mudar a pessoa na impossibilidade de controle ambiental, ou o próprio ambiente se isso fosse possível. O comportamento foi definido como a expressão de três potenciais latentes: cognição, afeto e tendências reativas que poderiam ser ativadas quando instigadas acima de um certo limiar.

O conhecido filósofo Chalmers (1995) não estava associado ao debate unidade/desunidade, mas com a urgente necessidade da filosofia e da psicologia retomarem a pesquisa sobre a consciência. Chalmers argumentou que não existe nada mais próximo e mais íntimo do que a experiência subjetiva, a autoconsciência. Sendo assim, ela não poderia ser desprezada como sendo de não interesse à pesquisa. A consciência não poderia ser negada, mas sim



explicada. As proposições de Chalmers provocaram estudos da consciência na perspectiva biológica (Edelman, 1989), filosófica (Dennett, 1991) e repercutiram em trabalhos de psicólogos cognitivistas como Baars (2003). O título do trabalho de Baars foi emblemático, conforme destaca a tradução para o português: *Tratando a consciência como uma variável: um tabu em declínio*. Até então, as iniciativas para uma psicologia unificada carregavam forte viés behaviorista. No entanto, os estudos sobre consciência abriram perspectivas para uma visão mais integradora de uma possível compreensão unitária da psicologia.

Para fechar a década de 1990 atente-se para o contraste das abordagens de Slife e Williams (1997) e Baumann (1999). Os primeiros preocupavam-se com a necessidade de mais estudos em psicologia teórica, frente à enorme e preocupante fragmentação. Em contraste, o segundo criticava as tentativas de unificação, sob o argumento de que uma teoria unificada não existe nem na psicologia e nem na psicoterapia, e não se faz necessária para intervenções baseadas em evidências.

O debate unidade/desunidade chegou ao século XXI em artigo de Sternberg e Grigorenko (2001). Os autores sugeriram que unidade da psicologia seria alcançada por estudos multiparadigmáticos, multidisciplinares e integrados, dirigidos aos fenômenos psicológicos por meio de operações convergentes. Exemplos de fenômeno psicológico incluíam memória, inteligência, dislexia, apego, criatividade, preconceito, entre outros. Para os autores, nenhum destes fenômenos seriam propriamente estudados ou compreendidos em áreas especializadas, como é o caso da memória que envolve aspectos genéticos (fatores hereditários), neurocognitivos (correlatos neuronais), clínico (conflitos por memória reprimida), e social (memórias de auto referência). O artigo provocou enorme discussão, documentada pelo *American Psychologist* no ano seguinte, como apontado a seguir. Kendler (2002) disse se tratar de concepções românticas para quem ignora diferenças básicas entre metodologias; Lau (2002) lembrou que tais considerações não levaram em conta as advertências pós-modernas quanto a valores e práticas científicas; Kassinove (2002), reconheceu a tendência para unificação como inegável, mas a considerou desnecessária, pois convergências ocorrem em pesquisas programáticas que abarcam diferentes paradigmas e métodos. A discussão continuou com Chovan (2002) argumentando que para estudar os fenômenos psicológicos como sugerido seriam necessárias equipes multidisciplinares, mas tal proposta seria inviabilizada pelas diferenças teóricas existentes entre as possíveis equipes. Por fim, Chao (2002) levantou uma questão que atravessa muitas das propostas



para a unificação da psicologia: uma teoria unificada não se apresentaria como uma especialidade entre as muitas já existentes?

Sternberg e Grigorenko (2002) responderam aos comentários alegando para Kassinove (2002) que pesquisas programáticas não asseguram convergências, principalmente se são conduzidas por um único método; para Lau (2002) que de fato a ciência não está livre de valores, mas é a única abordagem capaz de se autocorriger; para Chao (2002), que a unificação não seria uma especialidade, mas um arcabouço teórico em condições de prover a acurácia necessária para a autocrítica e o incremento das relações entre especialidades; para Chovan (2002) que por equipe entende-se um grupo constituído por profissionais em trabalhos coordenados com vistas a determinados fins; e a Kendler (2002) que a proposta de unificação não ignora a diversidade metodológica, mas que diferentes métodos ao longo do tempo deverão chegar aos mesmo pontos, e caso não ocorra é problema da fidedignidade de seus achados.

O debate unidade/desunidade continuou provocando polêmicas e ganhou nova vida no longo e bem elaborado artigo de Henriques (2003), intitulado *The Tree of Knowledge* (ToK). O autor recorreu ao esquema ontológico clássico para introduzir uma teoria capaz de integrar o behaviorismo operacional de Skinner e a psicodinâmica de Freud. Deste modo, apresentou um arcabouço teórico no qual a vida da mente seria uma expressão *bottom-up*, demarcando a psicologia como a junção entre biologia (*bottom*) e as ciências culturais (*up*). A teoria propôs dois princípios básicos para a psicologia: 1) Investimento Comportamental (*Behavioral Investment Theory*), e 2) Hipótese de Justificação (*The Justification Hypothesis*). O primeiro princípio descreve as forças que movem o comportamento animal (humano e não humano), quanto ao consumo de tempo e energia, calculados em termos de custo e benefício, incluindo as relações sociais. O segundo refere-se à sofisticada capacitação humana para a comunicação, isto é, ser capaz de pela linguagem descrever, entender, crer e decidir.

Em 2004, Henriques e Sternberg se associaram para propor um currículo geral à pós-graduação (*graduate studies* nos EUA) que avançasse para uma nova identidade profissional por eles intitulada *Unified Professional Psychology* (UPP). A proposta (Henriques & Sternberg, 2004) se baseava em três dimensões: 1) uma visão abrangente do pensamento psicológico no qual a psicologia seria definida como uma ciência e prática comensurável; 2) um currículo que orientasse para a uma clara e reconhecida identidade do profissional em psicologia; e 3) um desenvolvimento de competências e habilidades teóricas e



profissionais que preparasse os estudantes para a liderança e a prática de uma grande variedade de serviços na área da saúde.

Neste mesmo ano, Gregg Henriques mostrou ser um pesquisador bem articulado entre os seus pares, pois conseguiu, junto ao *Journal of Clinical Psychology*, a organização de dois números especiais seguidos para discutir a sua teoria, *The Tree of Knowledge* (ToK). No primeiro número especial (2004, volume 60, Número 12), o objetivo foi discutir a definição de psicologia. No segundo (2005, Volume 61, Número 1) a ideia foi abrir o debate para críticas e sugestões. Henriques (2004) abriu o primeiro número especial com o argumento de que a psicologia é um campo dividido por dois problemas intimamente relacionados: comportamento animal e comportamento humano. Para ele, o estudo do comportamento animal levou a uma ciência formalista, cujo objeto é o estudo da mente, tornando-se a psicologia dos processos básicos. Em contraste, o estudo do comportamento humano estaria situado entre a ciência formalista e as ciências sociais. Os dois lados vistos como um todo poderiam salientar suas relações e propiciar análises mais robustas, contribuindo assim para a afirmação da psicologia como um campo de maior clareza conceitual e prática.

As reações à teoria de Henriques (2004) foram ásperas e duras. Suas proposições foram consideradas especulativas e sem contribuições à psicologia clínica (Hayes, 2004). As críticas apontavam: que a unidade entre ciência e prática não está em teorias, mas em evidências (Kihlstrom, 2004); que não há muito futuro neste tipo de discussão (Lilienfeld, 2004); que são manobras políticas institucionais (Stam, 2004; Stricker, 2004); que a unidade proposta está baseada em princípios válidos, mas muito limitados para dar conta das complexas facetas do comportamento (Stanovich, 2004; Vazire e Robins 2004); que Henriques precisa entender que o pluralismo faz parte da ciência (Viney, 2004); que o importante é estimular o diálogo entre os discursos dos diversos segmentos científicos e profissionais (Yanchar, 2004); e que se trata de uma teoria retrógrada assentada na modernidade, desconhecendo completamente as contribuições da pós-modernidade (Calhoun, 2004).

Os autores do segundo número especial do *Journal of Clinical Psychology* (2005, Vol. 61, n. 1) foram mais receptivos à teoria de Henriques (2004). Houve o reconhecimento de que os dois princípios básicos da teoria de Henriques (2003) realmente propiciam a unidade desejada. O princípio *Behavioral Investment* interliga aspectos psicofísicos, psicobiológicos e psicossociais (Geary, 2005; Rand & Ilardi, 2005) e o princípio *Justification Hypothesis* é comensurável com padrões dominantes em teorias sociais (Quackenbush, 2005; Shaffer, 2005; Shealy, 2005). Em contraste, neste mesmo número Slife (2005) argumentou que



concepções muito abrangentes findam deixando muitas facetas de fora, pois é impossível unir as várias linguagens da disciplina em fatores comuns. Segundo o autor, falta a Henriques (2004) o diálogo hermenêutico que não requer pontos de junções e assume que a riqueza e a vitalidade de uma disciplina estão na preservação de sua integridade e identidade, mesmo entre segmentos incomensuráveis. Em sua resposta, Henriques (2005) retoma suas críticas sob o argumento de que a psicologia tem falhado em alcançar seu potencial de ciência e profissão, pela inabilidade de apresentar um entendimento claro entre os aspectos científicos e não científicos do comportamento humano.

Neste mesmo ano Sternberg (2005a) lançou um livro com título bem realista: *Unity in Psychology: Possibility or Pipedream*. O livro será um marco nesta discussão por reunir autores muito conhecidos e considerados como Howard Gardner (teoria das inteligências múltiplas), Joseph F. Rychlak (personalidade e psicoterapia), e os grandes propagadores da unidade em psicologia, os behavioristas Arthur W. Staats e Gregory Kimble. Sternberg (2005a) se apresentou como um defensor convicto da psicologia unificada (*I personally believe in unified psychology*, p. xi). Para o autor, tal unidade reduziria o conflito entre entidades acadêmicas e profissionais, aumentaria a credibilidade da disciplina, incrementaria insumos para pesquisa, facilitaria o diálogo entre grupos opostos, aproximaria profissionais de pesquisadores, e favoreceria a criatividade e a diversidade. Para o autor, a questão básica era a seguinte: se acadêmicos e profissionais buscam a excelência, tanto na pesquisa como na prática, por que não buscar uma linguagem básica comum?

No livro organizado por Sternberg (2005a), os autores trouxeram diferentes pontos de vista quanto à unificação. Staats (2005) fez uma bela defesa da unidade, lembrando que a natureza é uma unidade, e que a unificação das ciências é inevitável. Kimble (2005) demonstrou seu sistema unificado com base na tríade cognição-afeição-ação na análise da memória, inteligência, self, conflito e psicoterapia. Em contraste, Rychlak (2005) não entendeu por que se está buscando unidade em época de diversidade; Gardner (2005) apontou para a absorção de segmentos básicos da psicologia pela física e biologia; Levant (2005) disse que unidade/desunidade não deixa de ser uma questão interessante, mas a questão mais desafiadora e premente é como a psicologia deve agir para evitar guerras, combater a pobreza, e reduzir preconceitos. Fishman e Messer (2005) foram mais propositivos em relação à unidade. Para eles, o advento da pós-modernidade, do pós-positivismo, e das muitas perspectivas enfraqueceu a abordagem positivista do tipo *top-down*. Por *top-down* os autores se referiam à perspectiva de uma metodologia única, objetiva, quantitativa e experimental.



Entretanto, um novo caminho para a unidade é possível por meio de estratégias *bottom-up* que se baseiam em elementos e temas do positivismo e da pós-modernidade. Eles definiram como *bottom-up* a observação naturalista, subjetiva, contextual, capaz de refletir realidades múltiplas.

Os trabalhos pró-unidade de Henriques tiveram prosseguimento com dois elegantes trabalhos. Primeiro, o artigo *The Problem of Psychology and the Integration of Human Knowledge: Contrasting Wilson's Consilience with the Tree of Knowledge* (Henriques, 2008), onde mostra as aproximações de sua teoria com as posições do biólogo Edward Osborne Wilson (1998) sobre a unidade do conhecimento (*consilience*); e em seguida com o livro *A New Unified Theory of Psychology* (Henriques, 2011) onde consolidou a argumentação das suas proposições.

Em 2013, uma nova onda de artigos sobre a unidade/desunidade reativou o tema. Melchert (2013), em uma revista voltada a questões profissionais (*Professional Psychology: Research and Practice*), reconheceu que a psicologia vem tendo grande sucesso como ciência básica e aplicada, apesar dos sérios e persistentes conflitos entre suas muitas teorias. Para ele, as orientações teóricas tradicionais ainda são inadequadas e incompletas, e que se faz necessária uma teoria unificada que promova a transição para uma abordagem abrangente e científica. Neste mesmo ano, o *Review of General Psychology* voltou a dedicar um número especial (2013, vol. 17, n. 2) sobre o tema. A motivação do editor convidado, Eric P. Charles, veio da frustração dele nas leituras de livros e revistas sobre as possibilidades de uma teoria que unificasse o campo. Em sua justificativa para este número especial (Charles, 2013, p. 124), ele disse: "mais que tentar criar novos caminhos para a unificação do campo, por que não promover o reconhecimento e apoio a trabalhos integrativos já existentes?" (tradução do autor deste artigo). Os 20 artigos apresentados não poderiam ser rigorosamente consideradas propostas de unificação, mas defesas das mais diversas teorias como *information integration theory* (Anderson, 2013), ciência natural do comportamento (Catania, 2013), *radical embodied cognitive science* (Chemero, 2013), ecológica (Heft, 2013), enativista (Hutto, 2013), desenvolvimento psicobiológico (Michel, 2013), psicologia evolucionária desenvolvimental (Lickliter & Honeycutt, 2013), árvore do conhecimento (ToK) (Henriques, 2013), e realismo situacional (Petocz & Mackay, 2013). Em suma, o número especial trouxe novos elementos para a discussão, introduziu novos autores que, embora pouco familiarizados com os debates unidade/desunidade, ofereceram contribuições para a integração do campo, mesmo a partir de suas próprias teorias.



Uma apreciação do número especial da *Review of General Psychology* (2013, Vol. 17, n. 2) veio de Marsh e Boag (2014). Com base nos artigos apresentados, os autores concluíram que grande parte da "psicologia científica contemporânea" (p. 58) compartilha uma ontologia física comum que pode elucidar a estruturação significativa da disciplina e a avaliação de conceitos díspares. Os conflitos e oposições entre teorias ocorrem porque elas se posicionam em diferentes pontos de um contínuo ontológico, colidindo com duas prioridades científicas: a certeza ontológica (a segurança do contínuo) e as predições práticas e experimentais (o risco do contínuo). Os autores ressaltaram três perspectivas teóricas apresentadas no referido número especial quanto às suas fundamentações ontológicas e epistemológicas. Foram elas: 1) o realismo situacional (Petocz & Mackay, 2013) que estaria em uma posição ontológica segura por se ater ao mundo monista e concreto; 2) a psicologia evolucionária do desenvolvimento (Lickliter & Honeycutt, 2013) que estaria em uma posição ontológica intermediária, por confiar em suposições probabilísticas de seleção natural para qualquer conjunto biológico complexo; e 3) a proposta da teoria unificada da árvore do conhecimento (ToK) (Henriques, 2013) que estaria em uma posição epistemológica de risco por reunir e combinar núcleos funcionais de muitas e divergentes teorias em pressupostos práticos. Sem dúvida, as contribuições de Marsh e Boag agregaram novos elementos à discussão unidade/desunidade que foram os elementos teóricos propostos pelas novas teorias.

Novo alento para a discussão unidade/desunidade veio da Itália, pelo psicólogo clínico Nicolò Gaj do *San Raffaele Hospital* e membro do *Research Unit for Philosophical Psychology*, da Universidade de Milão. O título *Unity and Fragmentation in Psychology* (Gaj, 2016) reverbera o que tem sido apresentado até agora, mas pode ser considerado o maior tratado publicado sobre o tema por considerar todos os aspectos envolvidos: método, linguagem, leis, objeto, e fragmentação na clínica e na teoria, ilustrado por dados empíricos sobre preferências teóricas entre psicólogos italianos. O autor ainda analisou cinco proposições para a unificação da psicologia, todas já mencionadas acima: o behaviorismo funcional de Kimble (1996), o behaviorismo psicológico de Staats (1996), a teoria unificada de Henriques (2011), a teoria da informação integrada de Anderson (2008), e a teoria unificada de Sternberg (2005b).

A seguir uma breve síntese da avaliação de Gaj (2016) para as cinco propostas mencionadas. O behaviorismo funcional de Kimble (2005) concentra-se no estudo da psicologia como ciência, sem nenhuma consideração translacional, não estando preocupado com a psicologia como profissão. A teoria atém-se à explicação do comportamento humano e animal. O behaviorismo



psicológico de Staats (2005) é uma redução da psicologia aos pressupostos behavioristas tanto na visão de ciência quanto da aplicação. Como afirmação do behaviorismo, a proposição pode ser considerada robusta e coerente, só que a psicologia não pode ser reduzida ao behaviorismo. A teoria unificada de Henriques (2013) apresenta-se como uma metateoria por sistematizar dados empíricos oriundos de diferentes teorias, integrando os diversos segmentos da psicologia, e a psicologia com outras ciências. Neste sentido, ela oferece uma sintaxe na qual conceitos psicológicos tradicionais estão claramente relacionados. Ao contrário das duas primeiras propostas, Henriques buscou uma fundamentação filosófica para suas posições, embora a articulação entre estes fundamentos ainda não esteja suficientemente clara. A teoria da informação integrada de Anderson (2008) traz a perspectiva cognitiva e o objetivo foi reunir as duas partes do campo psicológico: o mundo interno de sentimentos e pensamentos, e o mundo externo de estímulos e respostas. Juntando as duas partes não mais haveria contradição entre métodos nomotéticos, capazes de comparar idades e culturas, e idiográficos capazes de descrever valores individuais e situações únicas. Contudo, a proposta não estabelece nenhuma relação com o campo das aplicações, não aborda as relações entre cognições humanas e animais, e a relação entre dados experimentais e teóricos. Por fim, a teoria unificada de Sternberg e colaboradores (Sternberg, 2005b; Sternberg & Grigorenko, 2001; Sternberg, Grigorenko, & Kalmar, 2001) diferenciou-se das demais por levantar a necessidade de delimitar claramente quais são os fenômenos propriamente psicológicos. Estes fenômenos podem e devem ser estudados por diferentes métodos e descritos por diferentes teorias. Neste sentido, sua proposição não se apresentou como uma metateoria, mas como um esforço continuado de aproximação e clarificação dos avanços acadêmicos e profissionais para facilitar a comunicação entre psicólogos e outros profissionais.

Argumentos favoráveis ao pluralismo (desunidade)

Diante dos reconhecidos avanços na psicologia como ciência e profissão (Stanovich, 2013), propostas de unidade podem parecer estranhas e inoportunas, senão inúteis ou ilusórias (Ribes, 2000). Em contraste, a ideia de uma psicologia pluralista e antirreducionista é amplamente aceita (Teo, 2010). O pluralismo é justificado por variações culturais, imponderações subjetivas, complexidade de objeto, e flexibilidade epistemológica (Tamayo, 2015). Do mesmo modo, movimentos teóricos divergentes originados no início do século XX e que orientaram grande parte da pesquisa, da prática e da organização profissional,



continuam ativos, discutindo novos achados e revisando conceitos e aplicações. Esses sistemas teóricos permanecem produtivos, contribuindo na geração de outros sistemas e métodos, e alcançando êxitos extraordinários em suas aplicações (Fowler & Bullock, 2005). Os muitos avanços foram reafirmados recentemente por Borghi e Fini (2019) ao considerarem as aproximações da psicologia com as neurociências e mesmo com a filosofia. Os autores saudaram a emergência de novos domínios associados ao grande campo da cognição (neuro, semiótica, social, afeto), de novos modelos de análise, como a estatística bayesiana, e do consenso sobre intervenções baseadas em evidências. Contudo, eles concluíram que, apesar desses avanços, a área carece de desenvolvimento e refinamento teórico.

Críticas ao desconhecimento das influências pós-modernas às proposições para a unidade da psicologia (Calhoun, 2004; Viney, 2004) apareceram entre os comentários à teoria de Henriques (2003). Sendo assim, é oportuno rever algumas considerações sobre os argumentos em favor do pluralismo que estão associados à pós-modernidade. Gergen (2001) mostrou que a passagem da modernidade para a pós-modernidade modificou o entendimento de três conceitos centrais nas teorias psicológicas: individualidade, objetividade e linguagem. A modernidade se caracterizou pelos princípios de: 1) centralidade do conhecimento individual, 2) realidade do dado objetivo, e 3) linguagem como portadora da verdade. Na pós-modernidade: 1) a centralidade na razão individual dar lugar a retórica compartilhada; 2) o entendimento de mundo objetivo baseado na realidade dar lugar a um mundo socialmente construído e subjetivo, e 3) a linguagem deixa de ser a enunciação da verdade para ser a prática da dialogicidade, do compartilhamento de consensos e do escrutínio de dissensos. Para Gergen, essas mudanças ampliaram o escopo do campo psicológico o que exigiu revisões teóricas, metodológicas e profissionais.

Alguns anos depois da publicação de Gergen (2001), a pós-modernidade foi duramente criticada por Valsiner (2009) por suas posições ambivalentes e por não levar à produção efetiva de novos conhecimentos. A pós-modernidade estava sendo ultrapassada pelo desenvolvimento de teorias gerais que levavam em consideração diferentes contextos e culturas. Valsiner (2009) mostrou com sensibilidade e acurácia o problema teórico da psicologia na seguinte afirmação:

A psicologia luta por sua autoidentidade. Ela se esforça para viver de acordo com os padrões de ciência – mesmo importados de outras ciências – e resiste à natureza efêmera de seus próprios fenômenos. Nossa experiência psicológica real é a da plenitude do sentimento, do pensamento, e do agir como somos – no aqui e agora. Esses fenômenos são rápidos – emergem e desaparecem

em um instante – em múltiplas camadas, incluindo o metanível da reflexividade e do coletivo, incluindo indivíduos e mesmo animais em uma rede social mais ampla. Além disso, os fenômenos psicológicos do aqui e agora (agir, sentir e pensar) são guiados por suas histórias (através da memória) e antecipações do futuro (p.2, tradução do autor deste artigo).

Nota-se na definição de Valsiner as três propriedades básicas da psicologia (afeição, cognição e conação) como indicadas por Hilgard (1980) e as suas interligações: a centralidade da experiência subjetiva e reflexividade, a pertinência de processos psicológicos como a memória, as narrativas individuais e grupais, e as suas variações como reconstrutoras de sentidos. Contudo, Valsiner restringiu a investigação psicológica para métodos idiográficos. Tais métodos são realmente sensíveis e muito recomendados ao estudo de contextos e culturas, mas não se pode reduzir o campo psicológico às ciências humanas. Tal argumento requer revisão, pois a psicologia ocupa uma área de interseção entre as duas grandes partes do contínuo ontológico (físico, biológico, psicológico, interacional, social-organizacional, cultural) requerendo uma abordagem metodológica capaz de incluir tanto o psicofísico como psicobiológico, do mesmo modo que o psicossocial e o psicocultural. O campo psicológico está na junção das duas grandes partes, como reconhecido por psicólogos (Henriques, 2003) e sociólogos (Wiley, 1994). Importante lembrar que o contínuo ontológico não é uma classificação puramente teórica, hoje está respaldada em dados empíricos da cienciometria (Boyack, Klavans & Börner, 2005).

A ambiguidade entre pluralidade e pluralismo e a prática profissional

A questão unidade/desunidade não se restringe às discussões puramente teóricas. Os pesquisadores canadenses Hartman, Fergus e Reid (2016) trouxeram a perspectiva profissional de quem trabalha na área da saúde, ressaltando a falta de identidade da psicologia como uma disciplina científica, com domínio de campo bem definido e delimitado. Os autores concluíram que a prática psicológica vem sendo cada vez mais desconsiderada nos serviços de saúde do Canadá. Para esses profissionais, a situação tem que ser revista com urgência, o que requer estudos de compatibilização conceitual e terminológica, refinamento de métodos e técnicas, e reformulação de práticas e procedimentos. Do mesmo modo, Alves e colegas (2011) revisaram 26 periódicos brasileiros para conhecer as abordagens e métodos em psicologia da saúde. Os resultados não foram muito diferentes da pesquisa canadense. As pesquisadoras constataram grandes dificuldades da psicologia se afirmar em equipes



multidisciplinares de saúde, pouca clareza de como intervir, e de que alternativas apresentar ao crescente uso de psicofármacos. Entre as muitas abordagens assumidas por estes profissionais, o predomínio foi da psicanálise.

Numa perspectiva mais restrita, Melchert (2013, 2016) defendeu que a psicologia deve se afirmar como ciência substituindo as teorias tradicionais pelas neurociências e pelas ciências comportamentais. Para o autor, o conhecimento de muitos processos psicológicos está firmemente estabelecido em testes experimentais e em teorias falseáveis, plenamente integrado às ciências naturais, em condições de orientar com segurança a formação e a prática clínica. Deste modo, a psicologia assumiria enfim a unidade científica e profissional. Henriques (2017) respondeu ao artigo de Melchert (2016) dizendo que seus propósitos eram bons, mas insuficientes. A psicologia tem fornecido conhecimentos oriundos das mais diferentes tradições teóricas, e somente uma concepção metateórica poderia articular todo o campo psicológico, apontando suas diferenças e ressaltando sua grande unidade.

Ao visto, o problema unidade/desunidade ultrapassa o diálogo científico e interfere no trabalho profissional.

Conclusão: Como superar a dicotomia pluralidade – pluralismo?

O debate unidade *versus* desunidade, redefinido por Ballantyne (1993) como diferenças entre pluralidade de objetos e pluralismo de concepções, é relevante para que se compreenda com clareza o grande campo de estudos psicológicos. A robusta série *Psychology: A study of a Science* publicada por Koch entre 1953 e 1962 levantou várias facetas concernentes à disciplina, passando pelos avanços em determinadas áreas básicas e aplicadas, e pela promessa de novas investigações que estavam surgindo como a neuropsicologia. Contudo, o que mais chamou atenção foi a falta de clareza quanto aos fundamentos comuns à psicologia e à crescente proposição de teorias antagônicas. Na época em que a série foi publicada já se sabia que as teorias e sistemas clássicos (estruturalismo, funcionalismo, Gestalt, behaviorismos e psicanálise) já não mais demarcavam com clareza a pulverização teórica do campo.

As reações decorrentes tomaram dois rumos: 1) teorias para a unidade, e 2) justificativas para a diversidade. A fragilidade das propostas de unidade estava na tendência em propor uma teoria que substituísse todas as outras, seja na tentativa da integração, seja no desenvolvimento de novas teorias. Em contraste, os céticos quanto à unidade ou à integração ressaltavam a falta de interesse e



mesmo a inviabilidade de qualquer projeto de integração teórica, pois a riqueza da disciplina estava na diversidade.

Ao acompanhar o debate sobre unidade/desunidade nestes últimos setenta anos, tomando como base da década de 1950, nota-se uma mudança de foco em cada década. Nas primeiras décadas, predominou a proposição de teorias que prometiam dar conta de toda a extensão do campo psicológico. Daí a surpresa diante das contradições observadas entre elas. Essas teorias partiam ou de pressupostos ontológicos parciais (behaviorismo), ou sugerindo um movimento da axiologia (valores) para a ontologia (humanismo). As conclusões de Koch (1969, 1992) demarcaram o período com a avaliação de que a grande extensão do campo psicológico levava necessariamente a teorias incoerentes.

Na década de 1980 destacou-se: 1) a preocupação com a fragmentação real da psicologia, e 2) o entusiasmo behaviorista pró-unidade teórica. Por fragmentação real entenda-se a pulverização da grande área, com suas subáreas movendo-se para outras áreas, ou formando novas áreas (Altman, 1987). O entusiasmo behaviorista foi bem representado por Staats (1981), reduzindo a psicologia ao estudo da aprendizagem, e por Kimble (1984), distinguindo a visão de ciência e de mundo entre psicólogos para apontar as preferências de humanistas e experimentalistas, sendo o humanismo uma área de hipóteses e o experimentalismo uma área de comprovações. O debate entre os grandes teóricos prossegue (Staats & Mos, 1987), mas chegando às mesmas conclusões de Koch (1969). O debate parece ainda não se mover.

Na década de 1990, a novidade veio da filosofia com a provocação de Chalmers (1995) sobre o desinteresse pelo estudo da consciência, por ele descrito como o dado humano mais imediato e familiar. Até agora, a crescente expansão do cognitivismo ainda não havia chegado ao debate pró-unidade ou desunidade. A repercussão destas novas tendências teóricas é exemplificada por Baars (2003), assumindo a importância de se investigar a consciência. Esta influência aparecerá nas proposições que virão no século XXI.

Na década de 2000, o debate começa a se mover com a teoria integradora da Árvore do Conhecimento de Henriques (2003), uma proposta de unificação que não mais se caracterizaria por tomar uma dada teoria como a teoria para tudo e para todos. Mas como um esforço de buscar os princípios subjacentes das pesquisas e práticas da área para a chegar a uma grande teoria. Nesta mesma linha, mas sem propor um arcabouço teórico, aparecem os esforços multidisciplinares e multiparadigmáticos de Sternberg (2005b).

As novidades da década de 2010 ficaram a cargo do número especial da *Review of General Psychology* organizado por Charles (2013), com o propósito de



apresentar teorias que em princípio estariam contribuindo para uma visão unificada da psicologia. A leitura dos artigos passa a impressão que alguns dos autores convidados não estavam familiarizados com o debate, e simplesmente apresentaram suas teorias, como criticados por Marsh e Boag (2014). No entanto, nota-se as influências da cognição (Anderson, 2013), e da psicologia evolucionista (Lickliter & Honeycutt, 2013). O debate culminou com o abrangente estudo de Gaj (2016) que não se caracterizava como a proposição de teoria para a unificação, mas como uma avaliação das proposições para a unidade. Entre as teorias pró-unidade, Gaj considerou a proposição de Sternberg (2005b) como mais propositiva, justamente por não propor uma teoria, mas por apontar princípios e métodos que atravessam as pesquisas e práticas, e que podem contribuir para uma compreensão integrativa do campo. O grande avanço do debate é o entendimento de que a psicologia deve realmente incorporar tanto os métodos nomotéticos como os idiográficos.

Do ponto de vista conceitual, o problema da grande incoerência entre teorias psicológicas está na falta de apreço aos estudos de ontologia (Ballantyne 1993; Marsh & Boag, 2014). Ontologia pode ser compreendida em seu significado genérico como referente à natureza comum de um dado objeto, incluindo suas complexidades e interligações hierárquicas entre suas partes e com outros objetos. Contudo, definições de ontologia distinguem substância (o que é) de aparências (o que parece que é). É nesta bifurcação que se encontra o espaço para diversidade teórica em psicologia. Em Henriques (2011), a bifurcação está na diferença entre comportamento animal (humano e não humano) e a sofisticada capacitação humana para a comunicação. O desafio do campo psicológico é como explicar, compreender e intervir nesta bifurcação que é o elo entre as ciências naturais e as ciências humanas no contínuo ontológico.

Para Ballantyne (1993), o reconhecimento da premissa ontológica levaria a pluralidade de objetos sem inibir a expansão teórica e sem comprometer a unidade. Ao contrário, o pluralismo conceitual, que seria a premissa epistemológica, é que estaria promovendo a desunidade. A pluralidade de objetos procede não somente das diferenças entre áreas de especialização e métodos, mas sobretudo da disputa entre teorias pela mais acurada especificação de objetos no campo psicológico. Em contraste, o pluralismo procede das diferentes concepções sobre facetas do campo psicológico, sem se ater a objetos, mas a conceitos, metáforas, disputas terminológicas e interpretativas. Em outras palavras, estaria ocupada com as aparências sem se importar com a substância. Ballantyne, com a visão dos anos 1980 e 1990, apontou para contradições nos dois lados, aliás como já ressaltado nestas



conclusões. Para Ballantyne, os defensores da unidade tentam substituir as teorias existentes por suas próprias teorias, como ocorreu no positivismo unificado de Staats (1991). Já os defensores da diversidade não reconhecem suas fragilidades lógicas e ainda negam a objetividade como ocorreu no construcionismo de Gergen e Davis (1985).

Em conclusão, pode-se dizer que o tema é empolgante para aqueles que tentam compreender as características gerais da disciplina, mas irrelevante para aqueles que se sentem bem atendidos pelas teorias que tomaram como orientação para pesquisa e prática. Poucos têm interesse em compreender a área como um todo. O usual, mais seguro e produtivo, é se ater à uma parte ou fragmento, definindo-o como a sua área. No entanto, professores de disciplinas básicas e de avaliação de práticas, assim como os estudantes, devem acompanhar e contribuir para esse debate, pois trazem uma introdução realista à disciplina. A discussão teórica em psicologia é tão importante quanto a realização da pesquisa empírica (Borghini & Fini, 2019), por promover estudos acurados e robustos capazes de respaldar e avaliar as contribuições de nossas pesquisas e serviços.

Referências

- Altman, I. (1987). Centripetal and centrifugal trends in psychology. *American Psychologist*, 42(12), 1058–1069. Recuperado em 16 de abril, 2019, de <https://psycnet.apa.org/buy/1988-11894-001>.
- Alves, R. F., Ernesto, M. V., Silva, R. P., Souza, F. M., Lima, A. G. B. & Eulálio, M. C. (2011). Psicologia da saúde: abrangência e diversidade teórica. *Mudanças - Psicologia da Saúde*, 19(1/2), 1-10. Recuperado em 16 de abril, 2019, de <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MUD/article/view/2479>.
- Anderson, N. H. (2008). *Unified social cognition*. New York: Taylor & Francis.
- Anderson, N. H. (2013). Unified psychology based on three laws of information integration. *Review of General Psychology*, 17(2), 125–132. Recuperado em 12 de abril, 2019, de <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1037/a0032921>.
- Baars, B. J. (2003). Introduction: Treating consciousness as a variable: The fading taboo. Em B. J. Baars, W. P. Banks & J. B. Newman. *Essential sources in the scientific study of consciousness* (pp. 1-9). Cambridge, MA: A Bradford Book, The MIT Press.



- Ballantyne, P. F. (1993). *Unity and diversity of subject matter or pluralism?* Em *Annual Meeting of Cheiron, 24st*. New Hampshire: USA. Recuperado em 02 de abril, 2019, de <http://www.comnet.ca/%7Epbellan/Unityvsplural.html>.
- Baumann, U. (1999) Wie einheitlich ist die Psychologie? (How unified is psychology?) *Psychotherapeut*, 44(6), 360–366. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1007/s002780050191.
- Borghi A. M. & Fini C. (2019). Theories and explanations in psychology. *Frontiers in Psychology*, 10:958. Recuperado em 5 de maio, 2019, de doi: 10.3389/fpsyg.2019.00958.
- Boyack, K., Klavans, R. & Borner, K. (2005). Mapping the Backbone of Science. *Scientometrics* 64(3), 351-374. Recuperado em 10 de maio, 2019, de doi: 10.1007/s11192-005-0255-6.
- Calhoun, L. G. (2004). The unification of psychology: A noble quest. *J Clin Psychol* 60(12), 1283–1289. Recuperado em 4 de abril, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20075.
- Catania, A. C. (2013). A natural science of behavior. *Rev Gen Psychol*, 17(2), 133-139. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/a0033026.
- Chalmers, D. J. (1995). Facing up to the problem of consciousness. *Journal of Consciousness Studies*, 2(3), 200-219. Recuperado em 4 de março, 2019, de <https://www.ingentaconnect.com/contentone/imp/jcs/1995/00000002/00000003/653>.
- Chao, R. (2002). Seeing the forest and seeing the trees in psychology. *Am Psychol*, 57(2), 1128-1129. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037//0003-066X.57.12.1128.
- Charles, E. P. (2013). Psychology: The empirical study of epistemology and phenomenology. *Rev Gen Psychol*, 17(2), 140–144. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/a0032920.
- Chemero, A. (2013). Radical embodied cognitive science. *Rev Gen Psychol*, 17(2), 145-150. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/a0032923.
- Chovan, W. (2002). Theory knitting reconsidered. *Am Psychol*, 57(2), 1127-1128. Recuperado em 9 de abril, 2019, de doi: 0.1037//0003-066X.57.12.1127b.
- Dennett, D. C. (1991). *Consciousness explained*. Boston, MA: Little, Brown and Company.
- Edelman, G. M. (1989). *The remembered present: A biological theory of consciousness*. New York: Basic Books, Inc. Publishers.



- Fishman D. B. & Messer S. B. (2005). Case-based studies as a source of unity in applied psychology. Em R. J. Sternberg (Ed.), *Unity in psychology: Possibility or pipedream?* (pp. 37-59). Washington, DC: APA.
- Fowler R. D. & Bullock, M. (2005). The American Psychological Association and the search for unity in psychology. Em R. J. Sternberg (Ed.), *Unity in psychology: Possibility or pipedream?* (pp. 61-76). Washington, DC: APA.
- Gaj, N. (2016). *Unity and fragmentation in psychology*. London: Routledge.
- Gardner, H. (2005). Scientific psychology: Should we bury it or praise it. Em R. J. Sternberg (Ed.), *Unity in psychology: Possibility or pipedream?* (pp. 77-90). Washington, DC: APA.
- Geary, D. C. (2005). The Motivation to Control and the Origin of Mind: Exploring the Life-Mind Joint Point in the Tree of Knowledge System. *J Clin Psychol* 61(1), 21-46. Recuperado em 9 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20089.
- Gergen, K. J. (2001). Psychological science in a postmodern context. *Am Psychol*, 56(10), 803-813. Recuperado em 2 de maio, 2019, de doi: 10.1037//0003-066X.56.10.803.
- Gergen, K. J. & Davis, K. E. (1985). *The social construction of the person*. New York: Springer-Verlag.
- Green, C. D. (1992). Is unified positivism the answer to psychology's disunity? *Am Psychol*, 47(8), 1057-1058. Recuperado em 2 de maio, 2019, de doi: 10.1037/0003-066X.47.8.1057.
- Groot, A. D. de (1990). Unifying psychology: Its preconditions. Em W. J. Baker, M. E. Hyland, R. van Hezewijk, & S. Terwee (Eds). *Recent trends in theoretical psychology* (Vol II, pp. 1-26). New York: Springer-Verlag.
- Hartman, L., Fergus, K. & Reid, D. W. (2016). Psychology's Gordian Knot: Problems of Identity and Relevance. *Can Psychol*, 57(3), 149-159. Recuperado em 20 de maio, 2019, de doi: 10.1037/cap0000060.
- Hayes, S. C. (2004). Taxonomy as a contextualist views It. *J Clin Psychol*, 60(12), 1231-1235. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20064.
- Heft, H. (2013). An ecological approach to psychology. *Rev Gen Psychol*, 17(2), 162-167. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/a0032928.



- Henriques, G. (2003). The tree of knowledge system and the theoretical unification of psychology. *Rev Gen Psychol*, 7(2), 150-182. Recuperado em 15 de maio, 2010, de doi: 10.1037/1089-2680.7.2.150.
- Henriques, G. R. (2004). Defining psychology. *J Clin Psychol*, 60(10), 1207-1221. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20061.
- Henriques, G. R. (2005). Toward a useful mass movement. *J Clin Psychol*, 61(1), 121-139. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20094.
- Henriques, G. R. (2008). The problem of psychology and the integration of human knowledge contrasting Wilson's consilience with the tree of knowledge system. *Theory & Psychology*, 18(6), 731-755. Recuperado em 9 de abril, 2019, de doi: 10.1177/0959354308097255.
- Henriques G. R. (2011). *A new unified theory of psychology*. New York: Springer.
- Henriques, G. (2013). Evolving from methodological to conceptual unification. *Rev Gen Psychol*, 17(2), 168-173. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/a0032929.
- Henriques, G. (2017). Achieving a Unified Clinical Science Requires a Meta-Theoretical Solution: Comment on Melchert (2016). *American Psychologist*, 72(4), 393-394. Recuperado em 15 de junho, 2019, de doi 10.1037amp0000143
- Henriques, G. R., & Sternberg, R. J. (2004). Unified Professional Psychology: Implications for the Combined-Integrated Model of Doctoral Training. *J Clin Psychol*, 60(10), 1051-1063. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20034.
- Hilgard, E. R. (1980). A trilogy of mind: Cognition, affection, and conation. *J Hist Behav Sci*, 16, 107-177. Recuperado em 5 de julho, 2010, de doi: 10.1002/1520-6696(198004)16:2<107::AID-JHBS2300160202>3.0.CO;2-Y.
- Hutto, D. D. (2013). Psychology's inescapable need for conceptual clarification. Em T. P. Racine & K. L. Slaney (Eds.) *A Wittgensteinian perspective on the use of conceptual analysis in psychology* (pp. 28-49). New York: Palgrave Macmillan.
- Kassinove, J. L. (2002) Unification is inevitable. *Am Psychol*, 57(2), 1127. Recuperado em 5 de maio, 2019, de doi: 10.1037//0003-066X.57.12.1127a.



- Kendler H. H. (2002). Romantic versus realistic views of psychology. *Am Psychol*, 57(2), 1125-1126. Recuperado em 5 de maio, 2019, de doi:10.1037/0003-066X.57.12.1125.
- Kihlstrom, J. F. (2004). Unity within psychology and unity between science and practice. *J Clin Psychol*, 60(12), 1243-1247. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20066.
- Kimble, G. A. (1984). Psychology's two cultures. *Am Psychol*, 39(8), 833-839. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/0003-066X.39.8.833.
- Kimble, G. A. (1994). A frame of reference for psychology. *Am Psychol*, 49(6) 510-519. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/0003-066X.49.6.510.
- Kimble, G. A. (1996). *Psychology: The hope of a science*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Kimble (2005). Paradigm lost, paradigm regained: Toward unity in psychology. Em R. J. Sternberg (Ed.), *Unity in psychology: Possibility or pipedream?* (pp. 91-106). Washington, DC: APA.
- Koch, S. (Ed.). (1959). *Psychology: A Study of a Science* (Vol. 1). New York: McGraw-Hill.
- Koch, S. (Ed.). (1959). *Psychology: A Study of a Science* (Vol. 2). New York: McGraw-Hill.
- Koch, S. (Ed.). (1959). *Psychology: A Study of a Science* (Vol. 3). New York: McGraw-Hill.
- Koch, S. (Ed.). (1962). *Psychology: A Study of a Science* (Vol. 4). New York: McGraw-Hill.
- Koch, S. (Ed.). (1963). *Psychology: A Study of a Science* (Vol. 5). New York: McGraw-Hill.
- Koch, S. (Ed.). (1963). *Psychology: A Study of a Science* (Vol. 6). New York: McGraw-Hill.
- Koch S. (1969). Psychology cannot be a coherent science. *Psychology Today*, 3, 64-68.
- Koch, S. (1992). The nature and limits of psychological knowledge: Lessons of a century qua "science". Em S. Koch & D. E. Leary, D. E. (Eds.). *A century of psychology as science* (75-97). Washington: APA.



- Koch, S. (1993). "Psychology" or "The psychological studies"? *Am Psychol*, 48(8), 902-904. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/0003-066X.48.8.902.
- Koch S. & Leary D. E. (Eds). (1992). *A century of psychology as science*. Washington: APA
- Kukla, A. (1992). Unification as a goal for psychology. *Am Psychol*, 47(8), 1054-1055. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/0003-066X.47.8.1054.b.
- Kunkel, J. H. (1992). The units of unification: Theories or propositions? *Am Psychol*, 47(8), 1058-1059. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/0003-066X.47.8.1058.
- Lau, M. Y. (2002). Postmodernism and the values of science. *Am Psychol*, 57(2), 1126-1127. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi:10.1037/0003-066X.57.12.1126.
- Levant, R. F. (2005). Unification of professional psychology through social relevance. Em R. J. Sternberg (Ed.), *Unity in psychology: Possibility or pipedream?* (pp. 107-124). Washington, DC: APA.
- Lickliter, R. & Honeycutt, H. (2013). A Developmental evolutionary framework for psychology. *Rev Gen Psychol*, 17(2), 184-189. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/a0032932.
- Lilienfeld, S. O. (2004). Defining psychology: Is it worth the trouble? *J Clin Psychol* 60(12), 1249-1253. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi 10.1002/jclp.20067
- Marsh, T. & Boag, S. (2014). Unifying psychology: Shared ontology and the continuum of practical assumptions. *Rev Gen Psychol*, 18(1), 49-59. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/a0036880.
- Matarazzo, J. D. (1987). There is only one psychology, no specialties, but many applications. *Am Psychol*, 42(10), 893-903. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/0003-066X.42.10.893.
- McNally, R. J. (1992). Disunity in psychology: Chaos or speciation? *Am Psychol*, 47(8), 1054. Recuperado em 2 de maio, 2019, de doi: 10.1037/0003-066X.47.8.1054.a.
- Melchert, T. P. (2013). Beyond theoretical orientations: The emergence of a unified Scientific framework in professional psychology. *Prof Psychol-Res Pr*, 44(1), 11-19. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/a0028311.



- Melchert, T. P. (2016). Leaving behind our preparadigmatic past: Professional psychology as a unified clinical science. *Am Psychol*, 71(6), 486–496. Recuperado em 10 de maio, 2019, de doi:10.1037/a0040227.
- Michel, G. F. (2013). The role of developmental psychobiology in the unification of psychology. *Rev Gen Psychol*, 17(2), 210-215. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/a0032936.
- Mos, L. P. (1987). Integrity or unity. Em A. W. Staats, A. W., & L. P. Mos, L. P. (Eds). *Annals of Theoretical Psychology* (Volume 5, pp. 345-347). New York: Plenum Press.
- Petocz, A., & Mackay, N. (2013). Unifying psychology through situational realism. *Rev Gen Psychol*, 17(2), 216-223. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/a0032937.
- Quackenbush, S. W. (2005). Remythologizing culture: Narrativity, justification, and the politics of personalization. *J Clin Psychol*, 61(1), 67-80. Recuperado em 10 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20091.
- Rand, K. L., & Ilardi, S. S. (2005). Toward a Consilient Science of Psychology. *J Clin Psychol* 61(1), 7–20. Recuperado em 10 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20088
- Ribes, E. (2000). Las psicologías y la definición de sus objetos de conocimiento. *Revista Mexicana de Análisis de la Conducta*. 26, 367-383. Recuperado em 9 de maio, 2019, de <http://rmac-mx.org/wp-content/uploads/2013/05/Vol-26-n-3-367-383.pdf>.
- Rychlak, J. E. (2005). Unification in theory and method: Possibilities and impossibilities. Em R. J. Sternberg (Ed.), *Unity in psychology: Possibility or pipedream?* (pp. 145-158). Washington, DC: APA.
- Schneider, S. M. (1992). Can this marriage be saved? *Am Psychol*, 47(8), 1055-57. Recuperado em 9 de maio, 2019, de doi: 10.1037/0003-066X.47.8.1055.
- Shaffer, L. S. (2005). From mirror self-recognition to the looking-glass self: Exploring the justification hypothesis. *J Clin Psychol*, 61(1), 47-65. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20090Shealy 2004.
- Shealy, C. N. (2005). Justifying the justification hypothesis: Scientific-Humanism, Equilintegration (EI) Theory, and the Beliefs, Events, and Values Inventory (BEVI). *J Clin Psychol* 61(1), 81-106. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20092.



- Slife, B. D. (2005) Testing the Limits of Henriques' Proposal: Wittgensteinian lessons and hermeneutic dialogue. *J Clin Psych*, 61(1), 107-120. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20093.
- Slife, B. D., & Williams, R. N. (1997). Toward a theoretical psychology: Should a subdiscipline be formally recognized? *Am Psychol*, 52(2), 117-129. Recuperado em 10 de abril, 2019, de doi: 10.1037/0003-066X.52.2.117.
- Spence, J. T. (1987). Centrifugal versus centripetal tendencies in psychology: Will the center hold? *Am Psychol*, 42(12), 1052-1054. Recuperado em 10 de abril, 2019, de doi:10.1037/0003-066x.42.12.1052.
- Staats, A. W. (1981) Paradigmatic behaviorism, unified theory, unified theory construction methods, and the Zeitgeist of separatism. *Am Psychol*, 36(3), 239-256. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/0003-066X.36.3.239.
- Staats, A. W. (1983). *Psychology's crisis of disunity: Philosophy and method for a unified science*. New York: Praeger.
- Staats, A. W. (1987). Unified positivism: Philosophy for the revolution to unity. Em A. W. Staats, A. W., & L. P. Mos, L. P. (Eds). *Annals of Theoretical Psychology* (Volume 5, pp. 11-54). New York: Plenum Press.
- Staats, A. W. (1991). Unified positivism and unification psychology: Fad or new field? *Am Psychol*, 46(9), 899-912. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/0003-066X.46.9.899.
- Staats, A. W. (1996). *Behavior and personality: Psychological behaviorism*. NY: Springer.
- Staats, A. W. (2005). A road to, and philosophy of, unification. Em R. J. Sternberg (Ed), *Unity in psychology: Possibility or pipedream?* (pp. 159-177). Washington, DC: APA.
- Staats, A. W., & Mos, L. P. (1987). *Annals of Theoretical Psychology* (Vol 5). New York: Plenum Press.
- Stam, H. J. (2004). Unifying psychology: Epistemological act or disciplinary maneuver? *J Clin Psychol*, 60(12), 1259-1262. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20069.
- Stanovich, K. E. (2004). Metarepresentation and the great cognitive divide: A commentary on Henriques' "Psychology Defined". *J Clin Psychol*, 60(12), 1263-1266. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20070.



- Stanovich, K. E. (2013). *How to think straight about psychology*. Boston, MA: Pearson Education.
- Sternberg, R. J. (Ed.). (2005a). *Unity in psychology: Possibility or pipedream?* Washington, DC: APA.
- Sternberg, R. J. (2005b). Unifying the field of psychology. Em R. J. Sternberg (Ed.) *Unity in psychology: Possibility or pipedream?* (pp. 3-14). Washington, DC: APA.
- Sternberg, R. J., & Grigorenko, E. L. (2001). Unified psychology. *Am Psychol*, 56(12), 1069-1079. Recuperado em 4 de maio, 2019, de 10.1037/0003-066X.56.12.1069.
- Sternberg, R. J., & Grigorenko, E. L. (2002). E pluribus unum. *Am Psychol*, 57(2), 1129-1130. Recuperado em 4 de maio, 2021, de doi: 10.1037//0003-066X.57.12.1129.
- Sternberg, R. J., & Grigorenko, E. L., & Kalmar, D. A. (2001). The role of theory in unified psychology. *J Theor Phil Psychol*, 21(2), 99-117. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/h0091200.
- Stricker, G. (2004). The unification of psychology and psychological organizations. *J Clin Psychol*, 60(12), 1267-1269. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi 10.1002/jclp.20071.
- Tamayo, J. (2015). Unificación-integración en psicología: Un análisis de tres dimensiones de la discusión. *Interamerican Journal of Psychology*, 49(1), 15-26. Recuperado em 9 de maio, 2019, de <http://www.redalyc.org/pdf/284/28446018002.pdf>.
- Teo, T. (2010). Ontology and scientific explanation: Pluralism as an a priori condition of psychology. *New Ideas in Psychology*, 28, 235-243. Recuperado em 9 de maio, 2019, de doi:10.1016/j.newideapsych.2009.09.017.
- Valsiner, J. (2009). Integrating psychology within the globalizing world: A requiem to the post-modernist experiment with Wissenschaft. *Integr Psych Behav*, 43(1), 1-21. Recuperado em 9 de maio, 2019, de doi: 10.1007/s12124-009-9087-x.
- Vazire, S., & Robins, R. W. (2004). Beyond the justification hypothesis: A broader theory of the evolution of self-consciousness. *J Clin Psychol* 60(12), 1271-1273. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20072.



Viney, W. (2004). Pluralism in the sciences is not easily dismissed. *J Clin Psychol* 60(12), 1275–1278. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1002/jclp.20073.

Wertheimer, M. (1998). Two views of psychology: A study of a science: Opus Magnificentissimum. *Contemporary Psychology*, 43(1), 7-10. Recuperado em 4 de maio, 2019, de doi: 10.1037/001437.

Wiley, N. (1994). *The semiotic self*. Chicago, IL: Chicago University Press.

Wilson, E. O. (1998). *Consilience: The unity of knowledge*. New York: Alfred A. Knopf.

Yanchar, S. C. (2004). Some Discontents with Theoretical Unification: A Response to Henriques' "Psychology Defined." *J Clin Psychol*, 60(12) 1279–1281. Recuperado em 4 de maio, 2021, de doi: 10.1002/jclp.20074.

Nota sobre o autor

William Barbosa Gomes é um *Fellow Senior* do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi Bolsista Produtividade CNPq de 1988 a 2019, onde chegou a Pesquisador 1A entre 2006-2019. Dedicar-se, atualmente, a projetos teóricos de longa duração, entre os quais se destacam Diferenças entre Aportes Conceituais e Estruturais na História da Psicologia, Unidade em Psicologia, e Contribuições da Fenomenologia à Ciência. E-mail: gomesw@ufrgs.br.

Data de submissão: 24.09.2020

Data de aceite: 05.04.2021